

O Arquivo Neblina: um testemunho a partir de um Campo Concentracionario

Tania Mara Galli Fonseca¹

Resumo: Este texto faz parte das reflexões da pesquisa ARQUIVO E TESTEMUNHO DE VIDAS INFAMES: O QUE RESTA A DIZER. Refere-se a um manifesto em relação às vicissitudes do trabalho realizado desde 2001 no Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, e à aposta em nossos estudantes-pesquisadores. O laboratório em que se transformou a Oficina não passa despercebido. Sabemos que foi feito a contrapelo do arquivo hospitalar e corre riscos de ver-se desassistido em recursos para sua manutenção. A luta para o seu sustento é diária. Nossas palavras foram disparadas de um desejo de dizer como nos movimentamos no espaço do campo concentracionário. Nossos possíveis equívocos talvez sejam mais reveladores do que nossos acertos. Firmamos nossa intenção de não deixar de operar no curso dos acontecimentos, pois sabemos, como Deleuze, que podemos compreender todas as violências em uma só violência, em um só acontecimento que não deixa mais lugar ao acidente, que denuncia e destitui a potência do ressentimento no indivíduo e a da opressão da sociedade.

Palavras-chave: Arquivo, Testemunho, Pesquisa.

Para os meus alunos pesquisadores-arquivistas,
mergulhadores, peixes fosforescentes.

Este texto carrega uma singularidade. Foi feito a contrapelo de regras acadêmicas, não se utilizou de citações, teceu-se pelas ideias produzidas no próprio ato de escrevê-lo. Quisemos dar-lhe um feitiço de testemunho tomado um pouco às pressas, para que evitássemos interceptações racionalizadoras e reparadoras de seus possíveis equívocos. Foi feito pelos devires de uma escrita afetiva. Deixou-se desenrolar pelos fluxos de uma memória em busca de seus lençóis. Não se trata de ficção, pois de ficcional não se pode chamar aquilo que verdadeiramente sentimos e percebemos. Refere-se, antes, a um esforço de percepção das montanhas que habitam a pele por dentro. Refere-se, sobretudo, a um manifesto em relação às vicissitudes do trabalho de pesquisa que realizamos desde 2001 junto ao colossal Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro; refere-se, ainda, à nossa aposta em nossos estudantes, aqueles que formam a terceira leva, a terceira perna do triângulo enigmático traçado no campo concentracionário. Nosso testemunho, neste momento, não explicitou uma outra dobra que também se encontra infiltrada no campo, diuturnamente: a dos

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Docente e pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É pesquisadora do CNPQ e autora de diversos artigos e livros da área Psi. Coordena o grupo de estudos e pesquisa Corpo, Arte e Clínica (www.ufrgs.br/corpoarteclinica) e-mail: tfonseca@via-rs.net.

funcionários do hospício. ELES chegam antes de todos, abrem as portas guenzas, preparam tintas e café preto, por vezes, até bolinhos e guaraná. Atentos, colocam seu dia à espera das levadas que chegam. Também podem ser vistos como concentrados do campo, no entanto, ao menos no que diz respeito ao seu labor de instigar a criação e as cores, portam em seus crachás uma marca de sangue vermelho, que pode se ver ainda no branco de seus olhos que vêm demais, sem escolha, em pronto-socorro aos apelos emitidos nos sons dos gestos e das conversas com os concentrados. Avaliam seu estado dia a dia e, por vezes, temem que tenha chegado a hora de seu abismo, bem ali, diante deles, em meio às cores e às possibilidades de expressão. No entanto, não uma nem duas vezes, ficamos sabendo de sua alegria por terem recebido um olhar diferente, uma declaração afetiva, além das produções expressivas, das quais resulta um outro ímpeto: a de torná-las expostas ao público. Também encontramos-os, em certos dias, ali, mas ausentes, apenas de corpo presente, como se estivessem chegado ao esgotamento de suas forças frente à sua tarefa de oferecer o dispositivo criativo e terapêutico dos testemunhos. É certo que não consideram sua tarefa da mesma forma que os pesquisadores. Entretanto, eles propiciam, com sua regularidade e assistência permanente, que a casa da Oficina de Criatividade não caia sobre nossas cabeças, sobre as suas e sobre a de todos, enterrando os sonhos de uma Reforma geral e irrestrita nos modos de tratar a loucura. O laboratório em que se transformou a Oficina não passa despercebido a nós, da terceira leva. Sabemos que foi feito também a contrapelo do arquivo hospitalar, que veio ao mundo envolvido na neblina do “poderia ser”, que corre riscos de ver-se desassistido em recursos para sua manutenção. A luta para o seu sustento é diária, repleta de eventos que anunciam fissuras nas ferrugens do arquivo psiquiátrico.

Eis, que antes de iniciarmos nossas colocações, gostaríamos de dizer que sabemos estarmos em um feitiço de auto-exposição. Nossas palavras foram disparadas de um desejo de dizer e dar a ver como nos movimentamos no espaço do campo concentracionário. Nossos possíveis equívocos e lapsos, talvez sejam mais reveladores do que nossos acertos. Um testemunho deve sempre vir a ser broto não planejado, procedente que é de uma região subjetiva extra-moral, inundada que está pelo sangue vermelho que percorre nossas veias. Firmamos, aqui, pois, nossa intenção de não deixar de operar no curso dos acontecimentos, pois sabemos, como Deleuze (1974), que podemos compreender todas as violências em uma só violência, todos os acontecimentos mortais em um só acontecimento que não deixa mais lugar ao acidente e que denuncia e destitui a potência do ressentimento no indivíduo e a da opressão da sociedade.

Primeira leva de concentra33o:

Got3culas de umidade povoam a atmosfera, envolvem a paisagem, adensam-se nos contornos dos objetos, do mobili3rio, das gentes. Um campo, branco e ferruginoso, estende-se como um solo sob os p3s descal3os. Ali, n3o h3 cal3ado que proteja a nudez. Das janelas, a vis3o emoldura quadros, recortados pelos grandes gradis enferrujados e im3veis. As basculantes j3 n3o abrem, as portas rangem ao serem tocadas, as paredes descascam-se em camadas, dando a ver a prim3ria estrutura que as sustenta. Um dentro se faz aparente, um oculto se faz desvelado, um oss3rio torna-se figurante. Um corpo sem pele. Nada, ali, naquele campo, 3 alto demais, mas 3 preciso erguer a cabe3a para n3o se deixar levar t3o somente pelas ferrugens que, como rochas entranhadas no deserto de neve ou na praia deserta, sulcam a superf3cie extensa, plana e cerrada pela n3voa. N3o 3 f3cil entender esse lugar em que estamos. De sua colossal ossatura, apta para rangidos e corros3es, passos lentos e arrastados avisam a chegada de uma leva dEles. Chegam devagar, desconfiados e curiosos, indiferentes e son3mbulos, por vezes agitados, por vezes em solil3quios monoc3rdicos, sempre querendo saber em que dia estamos, qual seria a hora e quando seria o Natal. Fumantes, gostam do caf3 preto que lhes 3 servido, como tamb3m de ganhar algum trocado, desde que seja de papel e n3o em moeda. Em frente ao espelho retangular, posto em uma das paredes, maqui3m-se exageradamente com batons baratos muito vermelhos e esmaltes cintilantes. Reconhecem-nos em um dia e nos evitam em outro, fazendo de cada encontro uma surpreendente e imprevis3vel espera. Quando conseguem falar, nunca respondem a perguntas, parecendo estar conectados a uma dimens3o inapreens3vel. Suas palavras s3o proferidas em tons descontrolados, sua voz 3 feita de tremores, de hesita3o, de pausas, de embrulhamento de s3labas, falam uma outra l3ngua. O rumor existente por onde se passa 3, por vezes, quebrado pelo pico de um grito, de um choro que salta da garganta como se aprisionado estivera. Eles s3o muitos, vivem h3 anos na neblina do campo concentracion3rio do hospital psiqui3trico. Suas vestes, suas unhas, dentes e cabelos assemelham-se 3s ferrugens incrustadas na estrutura do pr3dio. Adensa-se em seus contornos, como uma moldura d'3gua, uma veladura ao olhar, algo que esconde e ao mesmo tempo distingue sua condi3o de desterro social e afetivo. Como em um thriller, vemo-los chegando, tomando assento nas cadeiras d3spares encostadas 3s grandes mesas improvisadas. S3o sobreviventes de uma cat3strofe, viram a g3rgona, estiveram em Tebas e perfuraram seus pr3prios olhos, estenderam seus bra3os para receber

em seu sangue injeções paralisantes, consumiram inúmeras doses de pílulas que conhecem somente pelas cores, comeram o pão do inferno, foram incendiados pelas lavas da loucura, empenharam sua juventude aos choques de ferro e ao fogo, tiveram queimada a possibilidade de uma existência em campos abertos, de vai-e-vem, com portas doces e janelas sem gradis. 40, 50, 60 anos vivem na clausura, indiferentes aos movimentos da rua adjacente, do mundo em efervescência. Mal conhecem o valor do dinheiro, alimentam-se apenas com colheres, vestem roupas que demarcam a unidade em que moram, e, em geral descalços, como agricultores miseráveis, palmilham o pátio e as calçadas esburacadas em busca de tocos de cigarro, dormem nos desvãos escuros, quando, por distração, conseguem desviar-se. Eles, os infames do hospital, ainda estão lá, mesmo que as portas estejam sendo restauradas. Já não podem sair, não há destino que os acolha, não há porto para recebê-los. Presos no grande barco da loucura, hoje, apaziguados em seus sintomas, intumescidos pela química medicamentosa, apenas restam como extranumerários à espera da morte que nunca chega (SHULTZ, 1994). Em um dia qualquer, encontramos-os muito magros e chegamos a pensar que estão acometidos por alguma doença. A corrosão se faz presente, desta vez na própria carne. Logo irão morrer, pensamos em voz baixa. No campo concentracionário, formam a massa de sobreviventes, se é que se possa dar o nome de sobrevivida a essa que levam. Talvez, funcione antes como castigo. Estranhamente, não encontramos no campo, exceto uma pequena capela jogada nos fundos e no esquecimento, a presença de Deus como evocação. O campo concentracionário é obra dos homens, de sua racionalidade e certezas. Nele, já entraram outros ares para reformá-lo, para abrir suas comportas, mas tudo o que vimos nos corpos de seus habitantes, testemunham que ainda não. Há coisas que uma vez feitas carne não podem ser mais que remediadas. Entranham-se e confundem-se com os corpos com que se confrontaram. Estes se erguem, marejados e enferrujados, como efeitos irreversíveis dos poderes que os abateu. Na neblina, não podemos saber, ainda, se sentem saudades da vida que nunca puderam ter. Tudo o que nos dizem, são notícias desconexas e fragmentárias que, se coladas umas às outras, formariam um quebra-cabeças monstruoso, inacessível ao sentido, incompatível com uma história. Ali, não restam nomes de família, não há cartas enviadas e recebidas, não há diários como refúgios de si. As fontes sobre tais vidas são lacônicas e fugidias e na maioria estritamente médicas, havendo, por sorte, algum ou outro rastro encontrado ao acaso de uma conversa ou em algum baú de velhas fotografias extraviadas, sem data e procedência. O campo se estende em detalhes de vazios, de perguntas sem resposta, de vidas sem vida, sem nome. Os ninguéns ali estão reunidos, não porque quiseram, mas por

acaso triste e imponder3vel. Carregam a pot3ncia de ser qualquer um, afirmam-se em sua negatividade, habitam o extremo da ponte entre o homem e o n3o-homem (BLANCHOT, 2007), s3o prisioneiros e ao mesmo tempo libertos, o excesso os restringiu 3 clausura vital, o “preferiria n3o” talvez tenha sido, em algum momento, sem que o soubessem, uma escolha, tal como para Bartleby, o escritur3rio (MELVILLE, 2003). Nas correntezas da loucura, perderam-se nos trilhos do tempo normal, extraviados se tornaram na institui33o total, estranhos nos parecem, despontam como estrelas desconhecidas e misteriosas na constela33o dos humanos.

Segunda leva da concentra33o:

Em outro tempo, mais atual, outra leva dEles t3m chegado ao campo. Desta vez, n3o trazem malas, apenas tickets de passagem urbana, com os quais se deslocam de suas casas para o hosp3cio. V3o e v3m, 3 pela manh3 que chegam e, 3 noite, dormem em suas pr3prias camas. S3o muitos, em sua maioria, muito jovens, encaminhados dos servi3os de aten33o 3 sa3de. Por vezes, v3m acompanhados por suas m3es, que se internam com eles naqueles turnos, 3 procura de algo para fazer enquanto por ali permanecem. Agora, o hospital recebe os ambulatoriais, aqueles que est3o ainda preservados da clausura totalizante e que, por isso, podem ir e vir, podem se ausentar, podem vir por querer ou porque s3o levados. Neles, o drama n3o parece, no entanto, menor. N3o t3o son3mbulos ou arrastados, expressam-se com maior facilidade, deixando 3 mostra os embaralhamentos subjetivos, o sofrimento palp3vel, mais tenso, porque percebido e sentido por eles pr3prios. 3 a Oficina de Criatividade que os recebe e acolhe. Ali, tal como os outros, pintam, desenham, escrevem. Desesperadamente, se aferram a um fazer com as m3os que parece apaziguar suas mentes e fornecerem alguma resposta 3s pr3prias d3vidas em rela33o ao seu vazio, aos seus esburacamentos, 3s suas vis3es e audi33es por demais persistentes e fant3sticas. T3m, s3o aqueles que vivem um “grande demais”, que experimentam a cat3strofe existencial produzida pelo enlouquecimento, que se sentem despeda3ados em suas faculdades integradoras, que portam, diferentemente dos Eles da primeira leva, uma esp3cie de consci3ncia de si, e, por isso, s3o muito parecidos conosco, nos comovem pela identifica33o que produzem, pela l3stima que desprendem. N3o est3o salvos, contudo, do estigma. Sabemos que mesmo se mantendo assintom3ticos, sempre se saber3o loucos, diferentes, e n3s, sabendo-os uma vez loucos e psiquiatrizados, sempre os posicionaremos entrecruzados com os signos dos diagn3sticos e das patologias. Habitantes de

um desterro, de um quase desterro definitivo, Eles, os concentrados da segunda leva, como que se localizam nas beiras incertas e estreitas de falésias, bastando apenas um passo, para a precipitação no abismo do sem fundo. Vivem sem garantias, suas vestes, aparentemente normais e decentes, não escondem à aflição de seu olhar, o tremor de suas mãos, a hesitação de sua voz. Também, vivem o inferno de não se saberem seguros em sua morada subjetiva, sabem que portam em si as piores forças que podem desnudá-los e torná-los sonâmbulos. É isso uma vida? (FONSECA E COSTA, 2010).

Terceira leva da concentração:

Pela manhã, chega a terceira leva dEles. Com mochilas nos ombros, calças jeans, bons casacos, tênis e, por vezes, bicicletas, adentram o campo, e sentem, como nenhum outro dEles, a neblina tomando conta do espaço. Pensam que talvez seja por conta de um inverno, pois, em suas primeiras chegadas ainda não sabem o que virão saber: ali, naquele campo de concentrações mora o inverno, a neblina é constante e insiste em adensar-se mais e mais enquanto o tempo passa. Não se trata, pois, de uma estação do ano. O campo verte suas névoas, incessantemente, como um sangue branco. Quanto mais permanecem ali, estes jovens, de unhas aparadas, cabelos revoltos e bem cuidados e roupas coloridas, percebem os véus que caem a cada dia e a cada vez em que se põem a indagar, a explorar e a tocar gentes e objetos daquele lugar secular. O regime de visibilidade que lhes é possível não se faz senão pelos indiscernimentos, pelo “poderia ser”, por um “quase” conhecimento. Pesquisadores-arquivistas enfileiram as intermináveis obras produzidas pela primeira e segunda levadas dos concentrados que frequentam os ateliês de criação e expressão alocados no hospício. Desenvolvem, com o passar do tempo, grandes orelhas, sensíveis aos mínimos ruídos e sons, suas pernas se alongam como que se preparando para ultrapassar uma espessa cadeia de montanhas, seus pés são silenciosos quando ultrapassam e percorrem os longos corredores, seus olhos também marejam quando se encontram com algum sopro de vida, onde apenas pareciam restar silêncios. As mãos tornam-se hábeis e empoeiradas pelos acúmulos de um tempo perdido que buscam redescobrir no Arquivo de Imagens da Loucura (FONSECA e BRITES, 2013). Buscam um aprendizado, ali, naquele campo branco e enferrujado, úmido e nevoento, quase também uma falésia à beira da avenida ruidosa por onde trafega a vida urbana motorizada. Não são habitantes do campo, podem ir e vir, ali trabalham e estudam com dias e horas marcados, funcionam como exploradores de jazidas do tempo, revolvem

pilhas de pap3is, buscam pr3ntu3rios, adicionam documentos aos arquivos o que os torna ao mesmo tempo seus guardi3es e arcanos (FARGE, 2009; STUDART, 2012). Acreditam que al3m das ferrugens e da neblina, algo resta a dizer sobre aquele mundo povoado de infames. Aproximar-se dos seus rastros, produzidos e acumulados por tantos anos, atravessar as montanhas pardas formadas pelas obras expressivas, exige-lhes mais do que pernas e orelhas. Precisam tornar-se hospitaleiros em rela33o aos restos do hosp3cio. S3o movidos pela confian3a de que algo ainda resiste 3 cat3strofe que se abateu sobre tantos. Necessitam, al3m de livros de estudos, de uma coragem de verdade para tornar operante sua faina, para dirigi-la como flechas ou granadas ao exterior da clausura, como cr3tica reflexiva sobre 3 inf3mia que encontrou morada naquele lugar. Permanecem naquele campo apenas por um tempo e d3o lugar a outros e a mais outros que chegam, incertos, mas fascinados por aquele estranho mundo, situado 3 beira da grande avenida, no qual nunca haviam adentrado. Sua busca torna-se o aprendizado de sua insufici3ncia, adotam a l3gica dos fragmentos, adquirem aptid3es para as bifurca33es e para o infinito dos sentidos, tornam-se amigos da multiplicidade e do inesgot3vel, operam pelo n-1, o que significa que, para eles, n3o h3 um cessar da neblina que cai, incessante e insistente. Seu aprendizado sobre o homem nunca cessar3 de ser marcado por essa experi3ncia profundamente humanizante e subjetivadora. Ali, junto ao arquivo, j3 n3o procuram ind3cios de poss3veis belas artes que tenham ficado soterradas pelo esquecimento. Os tra3os, os desenhos, as cores, as tintas que impregnam as telas e cartolinas tornam-se atos de linguagem daqueles que foram impossibilitados de falar. Com m3os macias e leves, os arquivistas sacodem as poeiras do tempo de cada obra para faz3-las falar, para ver em cada uma delas uma manh3 qualquer em que, apesar da chuva e do frio, algum sujeito, qualquer um dEles, da primeira ou de segunda leva, tenha estado a registrar algo de si, como o gesto 3ltimo e desesperado para ser ouvido no seu afogamento existencial. Assim, o arquivo v3-se confrontado por vozes, 3 assombrado por elas, tomado de surpresa pelo imprevis3vel e improv3vel que elas proferem. Confrontar o arquivo, nesse sentido, tamb3m quer dizer ir em busca de suas chaves de dizibilidade e de visibilidade. Trata-se de uma inconformidade com os j3 ditos e vistos, refere-se 3 cren3a de que na impossibilidade de dizer reside o ponto de insurg3ncia de um ato, de um gesto subjetivo. Estes atos e gestos, quando se tornam evidentes, soam como os gritos dos animais quando se safam de situa33es de amea3a e ca3a, ribombam estridentes e saltam para fora, como express3o de al3vio por se verem livres do peso da repress3o e da compress3o em tocaia. Testemunham o que o homem pode suportar sem que se deixe destruir plenamente e de um golpe s3, tornam-se assinaturas de

sobreviventes que, por algum momento e em certa contingência, conferem uma face singular àquilo que mais parecia uma massa não identificável. Os testemunhos falam, ainda, daqueles que não puderam nunca falar, traduzem uma expressão que não é mais de um sujeito particular, revelam a prisão que os encarcerou, o aprisionamento que os calou, arrastam consigo todos os nomes dos infames e dos ninguéns. Muitos falam naquela única voz que se ergue, mas, na primeira pessoa extingue-se a personalidade de um Eu, pois esta dá lugar ao Nós dos sem-nada, ao nós de todos aqueles de ontem, de hoje e de amanhã aos quais se interpôs a tragédia da diferença radical. Encontro com homens que não possuem passaporte para a comunidade, homens da comunidade dos sem comunidade (PELBART, 2003). Os pesquisadores, por sua vez, tornam-se igualmente testemunhos, uma vez que, com sua necessária observação sensível e paciente, funcionam a contrapelo do arquivo, escovam-no ao contrário das camadas dos tempos empilhados, buscando encontrar em algum momento e em qualquer espaço, um pequeno ninho de restos que insistem e subsistem sob as densas camadas dos enunciados proferidos. Na escovação a contrapelo do arquivo, os pesquisadores-catadores tornam-se anti-históricos, não buscam a longa memória das descendências e dos começos, apenas recolhem e colocam à luz algo que ali jazia soterrado e de improvável existência. O gesto de recolher não é, contudo, simples, uma vez que dificilmente encontrarão o ninho de restos de forma delimitada, como um tesouro em um baú ou arca, escondido na espessa floresta. Recolher trata-se, pois, de ter também criado a possibilidade de encontrar, trata-se mesmo de intuí-la, como fazem os bons detetives quando buscam a carta roubada. Sabem que ela nunca está onde julgavam que estivesse e que será encontrada muito mais próxima do que imaginavam. Agora, as pernas longas e as orelhas grandes devem funcionar a todo o vapor, inspiradas pelas pulsações afetivas do possível encontro com aquilo que ainda permanece no vazio, com aquilo que, comoventemente, se resguardou de ser queimado pelo raio dos discursos dos poderes. Algo ainda resta a dizer. O pensamento não pode se refugiar nas certezas de uma reconhecimento. Algo novo, nunca visto e sentido brota dos testemunhos que escorrem e inundam muitas pilhas de documentos amarelados, colorem-nos não mais de um sangue branco, opaco e já um tanto pardo. O sangue vermelho jorra mais uma vez por sobre o arquivo, estremece as suas verdades, aponta, nos riscos que sua correnteza cria, trilhas novas para o percurso dos cartógrafos. Estes, por sua vez, já não são mais os mesmos a partir de tais encontros. Estiveram no campo exatamente para se curarem do peso das verdades ensinadas pela história dominante, disponibilizaram dias e esforços no aprendizado do Não. No cemitério dos vivos, trabalham em busca da experiência que a história ainda não destruiu,,

insistem naquilo que insiste em se aninhar nos desvãos montanhosos da superfície, buscam matérias intempestivas, atemporais que não se alinham nas fileiras do tempo medido e mensurado (AGAMBEN, 2005; AGAMBEN, 2007). Aprendem que há montanhas por dentro, e que sua visão e ultrapassagem não implica em vê-las ao longe, plantadas num horizonte exterior. Os obstáculos podem até parecer minúsculos e mesmo inexistentes a olho nu. Tudo, no arquivo, já foi aplainado ao ponto de um achatamento das texturas e rugosidades, nele parece não haver espessura, pois tudo se parece, à primeira vista, como dotado da única face que se encontra estendida e exposta à luz. Como mergulhadores nas rugosidades de papel, os pesquisadores afundam seus corpos em afectos e perceptos antes não experimentados. Frequentam regiões abissais, do campo e de si, nas quais acreditam poder vir a ter a visão de peixes fosforescentes, teimam, em casos de devoção, talvez, em tornar-se um deles, pois é de seu corpo que se desprende o fecho de luz nas trevas. Seu mergulho se faz pela ponta dos dedos das mãos, pelos olhos e pelos ouvidos, mas se sabe que estas ferramentas sensíveis têm possibilidades extra-sensoriais, que excedem os limiares do banal e transmutam, quando assim produzidas, em potências que aumentam e dilatam o que pode um corpo, tornando-o mais apto para agir e tornar-se ativo. No trabalho com o arquivo, a noite torna-se aliada para que o corpo dos pesquisadores se torne iluminado em fosforescências. E, então, a neblina que os circunda abre-se em pequenas clareiras, efêmeras e provisórias, acontecidas por um triz, movidas pelo insuportável e pelo desejável que impulsiona esta sua tresloucada busca. Junto ao arquivo, produzem uma escuta dos rumores ali enterrados, pinçam pequenos achados, grandes, entretanto, em sua intensidade de sentido. Catadores de signos, de pequenas pérolas ensanguentadas cravadas na pele do arquivo, os pesquisadores-arquivistas testemunham a noite da história, estão em busca de estrelas ainda não reveladas na grande constelação que protege e delimita aquilo que chamamos de humano.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Bontempo, 2007.

_____. **Infância e história**: Destrução da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita** - a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FONSECA, Tania Mara Galli e COSTA, Luciano Bedin (orgs.). **Vidas do Fora** - habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

FONSECA, Tania Mara Galli e BRITES, Blanca (orgs). **Eu sou você**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escriturário**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

PELBART, Peter Pál. Vida Capital. **Ensaio de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SHUTZ, Bruno. **Sanatório**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

STUDART, Julia. **Arquivo debilitado** - O gesto de Evandro Affonso Ferreira. São Paulo: Dobra Editorial, 2012.